

Sensação

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Estudantes cristãos universitários frequentemente replicam que Deus nos deu órgãos sensoriais e que, portanto, estes devem nos dar conhecimento. Agora, primeiro, ter uma sensação de vermelho ou azul não nos dá informação sobre o que é vermelho, azul ou cor. Cientistas frequentemente dizem que elas são vibrações diferentes de um éter universal. Outros cientistas mantêm uma teoria corpuscular de luz. Talvez estes universitários possam nos dizer o que luz e cor são. As sensações deles são aguçadas, não são?

Mas em segundo lugar, se Deus nos deu órgãos sensoriais, isso não quer dizer que o propósito deles seja nos dar conhecimento. A falta de lógica do estudante emerge da noção não fundamentada de que se Deus nos deu sensibilidade, ela deve ter o propósito de descobrir a verdade. Deus nos deu unhas no pé também, mas não para o propósito de nos dar a verdade. Nunca ocorre para estes estudantes que Deus tinha um propósito diferente ao nos dar órgãos sensoriais.

Malebranche, ^a seguindo Agostinho, define o propósito da sensação como sendo o de preservar o corpo do perigo. A dor pode nos admoestar de algo que é errado. Mas a dor não nos informa quanto ao o que é errado. Físicos têm desde a antiguidade sempre suscitado que a dor indica algo que seja errado; mas até hoje, com os maravilhosos avanços na ciência, eles admitirão que dificilmente sabem o que. ^b

Estudantes universitários não são os únicos que usam este argumento falacioso. Professores de seminário também o usam, mas talvez não tão rudemente. Um professor – estou relutante em usar o seu nome, pois pessoalmente ele é um cavalheiro muito gentil – coloca isso da seguinte forma:

Há uma grande quantidade de passagens bíblicas que ensinam por inferência, se não diretamente, que a experiência sensorial desempenha um papel na aquisição de conhecimento (e.g., Mateus 12:3; 19:4; 21:16; 22:32; Marcos 12:10; Romanos 10:14). Parece-me, portanto, que antes de convencer muitos cristãos de sua posição, Clark deve explicar satisfatoriamente (de outra forma daquela que é virtualmente tomada de uma maneira universal) centenas de passagens da Escritura que empregam as palavras “ver”, “ouvir”, “ler”, “escutar”, etc. Até o presente momento não estou convencido de que ele esteja de acordo com a Escritura quando ele nega aos sentidos um papel na aquisição de conhecimento e espero que ele tome os cétricos gregos menos seriamente e a implicação em muitos dos “axiomas secundários” da Escritura mais seriamente do que ele o faz.

^a Nota do tradutor: Nicolas Malebranche (1638-1715) foi um filósofo francês da escola Cartesiana.

^b Veja meu exemplo do leite fervido nas vacas, *The Philosophy of Science and Belief in God* (Jefferson: The Trinity Foundation, 1986), 112-113).

Duas páginas antes ele cita 1João 1:1-3, que talvez seja mais enfático do que os outros, pois diz: “O que... temos ouvido... visto com os nossos próprios olhos... nossas mãos apalparam... o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros”. Estas palavras não garantem que o Cristianismo é uma forma de empirismo, um sistema baseado na experiência?

Este parágrafo convida uma resposta dupla: exegese da Escritura e uma análise da validade do argumento. Visto que o cavalheiro, naturalmente, não cita suas “centenas de passagens da Escritura”, uma réplica pode cobrir somente um pequeno número do que ele podia ter tido em mente. Estas mostrarão que muitas vezes, até mesmo na maioria dos casos, a Escritura não se refere à experiência sensorial quando ela usa as palavras *ver*, *ouvir*, *ler* ou *escutar*.

Reflexões gerais sobre linguagem metafórica, contudo, não constituem o argumento principal. A seguir há algumas frases tiradas do Antigo Testamento, que formam o pano de fundo para as expressões de João. Cada uma delas usa um órgão sensorial como uma metáfora, e algumas usam a expressão dupla de João de *ver* com os *olhos*.

Provérbios 3:7: Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal.

Isaias 6:10: Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo.

Isaias 11:3: Deleitar-se-á no temor do SENHOR; não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos.

Isaias 44:18: Nada sabem, nem entendem; porque se lhes grudaram os olhos, para que não vejam, e o seu coração já não pode entender.

Jeremias 5:21: Ouvi agora isto, ó povo insensato e sem entendimento, que tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis.

Ezequiel 12:2: Filho do homem, tu habitas no meio da casa rebelde, que tem olhos para ver e não vê, tem ouvidos para ouvir e não ouve, porque é casa rebelde.

Ezequiel 40:4: Disse-me o homem: Filho do homem, vê com os próprios olhos, ouve com os próprios ouvidos; e põe no coração tudo quanto eu te mostrar, porque para isso foste trazido para aqui; anuncia, pois, à casa de Israel tudo quanto estás vendo.

Então, no Novo Testamento:

Mateus 13:14-16: De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaias: Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entenderéis; vereis com os olhos e de nenhum modo perceberéis. Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se

convertam e sejam por mim curados. Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem.

Alguém poderia agora desejar ter uma última chance para defender a sensação e a teologia empírica. Poderia João, ele pergunta, ter usado as palavras de Isaías? Se ele diz “ver com os olhos”, ele não teria desejado dizer o que disse? A resposta é clara: João não somente poderia ter usado as metáforas de Isaías, como ele o fez. Ele explicitamente citou Isaías:

João 12:40: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados.

Será “visto” que em nenhum destes versículos *ver* refere-se à percepção sensorial, mesmo quando a frase é enfatizada pela adição de “com os nossos olhos”. Há outros versículos também. Êxodo 15:14: “os povos o ouviram, eles estremeceram”, e os dois versículos seguintes falam – ninguém ouve o som? – de um temor que as meras impressões auditivas não poderiam produzir. Em Números 9:8 Deus produziu vibrações no ar para colocar os tímpanos de Moisés em vibração? Não há negação de que Deus poderia ter feito isso; a questão é: ele fez? O ouvir em Deuteronômio 1:43 não é sensação, mas obediência. Ainda mais definido é:

Deuteronômio 29:4: Porém o SENHOR não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje.

Certamente, os israelistas tinham nascido com olhos e ouvidos, e ainda os possuíam. Mas os olhos e ouvidos do versículo não eram órgãos sensoriais. Deveria ser claro que em tais versículos não se tem em vista nenhum processo físico-químico (compare 2Reis 14:11 e Jó 27:9). Além do mais, quando é dito que Deus ouve as nossas orações, ou que seus olhos estão sobre toda a terra, não podemos escapar da observação de que Deus, que é um Espírito puro incorpóreo, não tem órgãos sensoriais.

Há muitos outros versículos semelhantes; e se este pequeno número pareceu tedioso, ou se alguém falhou em entender o porquê tanto espaço foi assim gasto, a resposta é que muitas pessoas nos bancos tomam 1João 1:1 literalmente, assim como fazem alguns comentaristas. John Cotton (1584-1652) define o objeto do versículo 1 como “Cristo Jesus em si [e] como homem, como sendo ouvido, visto e captado pelos sentidos”. Alguns teólogos também tentam usar a passagem em defesa de um sistema empírico de apologética. Por conseguinte, há necessidade de referências suficientes para refutar as alegações empíricas.

Sobre a base destes versículos concluo que um professor não deveria permanecer no nível de um estudante, tomando metáforas como linguagem literal.

Não como um substituto para a exegese – e com a exegese ele é logicamente redundante – mas por amor à ênfase, alguém pode se referir ao português ordinário. Aqui está um professor de matemática de uma escola secundária, tentando ensinar geometria para alguns adolescentes. Miraculosamente um deles deseja aprender e presta atenção. Mas o assunto é difícil. Após o professor exercer sua paciência por algum tempo, o estudante exclama: “Oh, eu *vejo* isso!”; mas entendimento não é uma função da retina.

A segunda réplica ao parágrafo do meu oponente é filosófico e lógico, e ainda dentro dos limites da mentalidade mediana. O cavalheiro afirmou que a sensação desempenha “um papel na aquisição de conhecimento”. Como alguém pode chegar a tal conclusão? Claramente descobrindo qual é esse papel. A menos que alguém saiba qual é esse papel, ninguém pode saber que há tal papel de forma alguma. Por exemplo, no caso da grande dívida do governo dos Estados Unidos, alguns economistas sustentam que os déficits não desempenham nenhum papel em produzir desempregos, enquanto outros economistas afirmam o contrário. Para sustentar a posição deles, estes últimos devem mostrar qual é esse papel. Quando o Primeiro Ministro Menachem Begin resignou à sua posição em Israel, alguns comentaristas disseram que um evento perturbante sobre o campo de batalha causou isso. Mais tarde, concordou-se em geral que ele resignou somente por razões de saúde. Portanto, uma pessoa não pode manter logicamente que a sensação desempenha um papel na aquisição de conhecimento sem mostrar precisamente qual papel é esse.

Todos os apologistas com quem debati recusam encarar esta questão. A posição deles é pior do que a dos diplomatas. A saúde debilitada é uma razão reconhecível e suficiente para resignação. Medo de ser derrotado no parlamento também é uma possibilidade. Por conseguinte, a público político não está agindo irracionalmente ao considerar estas alternativas conhecidas. Mas os apologistas empiristas não têm nenhum candidato plausível. Quando eu lhes peço para mostrar *como* imagens podem ser transformadas em conceitos abstratos, nenhum deles sequer tenta explicar. Eles até mesmo recusam definir *sensação*. Da mesma forma *percepção*. Eles realmente não têm nenhuma epistemologia, e as palavras deles, para omitir uma parte inaplicável de uma citação popular, são cheias de sons, não significando nada.

Há uma falha subsidiária no parágrafo do professor, mas como um detalhe sob a refutação geral, pode ser mais compreensível para leitores rápidos. O professor insiste que a sensação deve desempenhar um papel na aquisição de conhecimento. Certamente elas desempenham! Cafés da manhã desempenham um papel também. Se algumas pessoas perdem seu café da manhã, elas se tornam irritadas e irritáveis, de forma que não podem prestar atenção aos seus estudos. Por conseguinte, Sanka^c é a salvação do mundo acadêmico.

Fonte: Capítulo 5 do livro *Lord God of Truth*, Gordon H. Clark, Trinity Foundation, p. 18-23.

Sobre o autor: Gordon Haddon Clark (31/8/1902 – 9/4/1985), filósofo e teólogo calvinista americano, foi o primeiro defensor do conceito apologético pressuposicional e presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Especialista em Filosofia Pré-socrática e Antiga, tornou-se conhecido pelo rigor na defesa do realismo platônico contra todas as formas de empirismo e pela afirmação de que toda a verdade é proposicional e pela aplicação das leis da lógica.

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo*.

^c Nota do tradutor: Sanka é uma das primeiras marcas no mundo de café descafeinado.